

A matéria tristaniana do ciclo do Pseudo-Boron, da *Suite du Merlin à Demanda do Santo Graal*

ANA SOFIA LARANJINHA
Universidade do Porto
SMELPS / IF / FCT
Portugal

O romance arturiano em prosa, nascido em França nos alvares do séc. XIII, conheceu um rápido desenvolvimento durante as primeiras três décadas de duzentos. Fruto de um intenso labor que se traduziu na produção de múltiplos textos, de que se registram, ainda hoje, muitas versões e uma miríade de testemunhos, este gênero cedo se organizou em ciclos de romances que visavam a integração, num contínuo narrativo, de temas originariamente independentes como a história do Graal ou as biografias de Lancelot e Tristão.

A *Demanda do Santo Graal* pertence já a uma fase relativamente tardia da construção cíclica – o ciclo do Pseudo-Robert de Boron¹, que amplia e reescreve em parte o ciclo do Lancelot-Graal –, retomando, com poucas alterações, a intriga de uma *Queste* primitiva e adicionando-lhe abundante matéria narrativa, proveniente ora da *Suite du Merlin*, ora do *Tristan en prose*. Convivem assim, no seio deste romance, pelo menos dois níveis ou fases de redação cuja harmonização nem sempre é total. Em alguns pontos do texto podemos observar a sutura das duas fases, que o redator do segundo nível nem sempre logrou ou, melhor dizendo, nem sempre quis disfarçar. Como mostrou José Carlos Miranda², a coexistência das duas fases de redação revela-se particularmente difícil nas cenas em que intervém a personagem de Galvão, o sobrinho do rei Artur. Na primeira fase, Galvão é um cavaleiro perseguido pela má sorte, que mata involuntariamente, em consequência da violência inerente à vida cavaleiresca, vários companheiros da Távola Redonda. Não está entre os cavaleiros escolhidos da *Demanda*, mas a sua insensibilidade ao mistério do Graal e a sua recusa da confissão e da penitência são a regra entre os cavaleiros de Artur, de quem ele é o legítimo representante. Na segunda fase, Galvão é um traidor sem escrúpulos, sedento de

1 Esta designação parece-me preferível a *Post-Vulgata*, proposta por Fanni Bogdanow (cf. *The Romance of the Grail. A Study of the Structure and Genesis of a Thirteenth-Century Arthurian Prose Romance*, Manchester/New York, Manchester University Press / Barnes & Noble Inc., 1966), não apenas porque a atribuição a Robert de Boron é comum a vários textos deste ciclo, nomeadamente à *Suite du Merlin* e à *Demanda do Santo Graal*, mas também porque não implica a dependência da *Demanda* (ou *Queste do Pseudo-Boron*) relativamente à *Queste del Saint Graal* da Vulgata. Note-se ainda que, de acordo com as investigações de José Carlos Miranda (*A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, 1998, p. 18) e Ana Sofia Laranjinha (*Artur, Tristão e o Graal. E Escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Robert de Boron*, Porto, Estratégias Criativas, 2010, pp. 407-416), esta fase do ciclo arturiano em prosa consiste numa amplificação e não numa redução da primeira fase do ciclo, como defendia Bogdanow. Enquanto a primeira fase integrava a *Estoire del Saint Graal*, o *Merlin*, o *Lancelot en prose* e uma *Queste* hoje perdida seguida da *Mort Artu*, a segunda fase, além de operar alterações e acrescentamentos vários nos textos existentes, adiciona uma *Suite* ao *Merlin* e ainda o longo *Tristan en prose*.

2 Cf. J. C. Miranda, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito, 1998, pp. 135ss.

vingança. O que o move já não é a fidelidade a Artur nem o respeito pelo combate leal, mas o desejo de vingar o pai, o rei Lot, morto às mãos do rei Pelinor, eliminando toda a descendência deste. Quando peleja, a sua única preocupação é poupar os irmãos e os membros da sua linhagem: qualquer adversário que não pertença à sua parentela é potencialmente um inimigo a abater, mesmo que se trate de um companheiro da Távola Redonda³.

Fanni Bogdanow, na reconstituição do ciclo ao qual pertencia o romance de que nos ocupamos e que designava *Post-Vulgata* ou *Romance do Graal*, relacionara já esta transformação de Galvão com o tema fundamental do ódio entre as linhagens de Lot e Pelinor, que segundo a erudita de Manchester teria tido origem naquela que era em geral considerada a primeira redação do *Tristan en prose*, a versão curta, e que teria sido depois desenvolvido na *Suite du Merlin*, um romance redigido mais tarde, para colmatar a lacuna temporal entre o *Roman de Merlin*, que relatava a conceção de Artur e a sua subida ao trono, e os textos cuja ação já se desenvolvia em plena maturidade do rei de Logres. Assim, segundo Bogdanow, as elíticas referências da versão curta do *Tristan* ao homicídio de Pelinor por Galvão e ao ódio deste e de alguns dos seus irmãos pela linhagem do rei de Gales teriam inspirado um desenvolvimento retrospectivo que teria vindo esclarecer as motivações para este ódio extremo e fornecer os seus antecedentes⁴.

Ora, se observarmos os textos sem a ideia pré-concebida de que a versão breve do *Tristan en prose* foi redigida antes da *Suite du Merlin*, facilmente compreenderemos que, embora não seja uma impossibilidade teórica, esta tese é logicamente difícil de aceitar: por que razão teriam meia dúzia de referências pouco claras sido semeadas num longo romance que nunca chegava a explicar cabalmente a origem do ódio entre Galvão e um dos vassallos de seu tio?⁵ Pelo contrário, a *Suite* apresenta de forma natural um encadeamento de ações que levam, primeiro, o rei Lot a revoltar-se contra Artur e em seguida o novo e poderoso aliado do rei de Logres, Pelinor, a auxiliá-lo na guerra e a matar Lot numa batalha decisiva. Depois, numa atitude pouco surpreendente no quadro da mentalidade da aristocracia do século XIII, o jovem Galvão promete vingar a morte do pai. Assim, no longuíssimo *Tristan en prose*, o tema do ódio entre linhagens assume um papel muito secundário, enquanto na *Suite* e na *Demanda* está sem dúvida em primeiro plano, relacionando-se estreitamente com o motivo da *mescheance* ou má andança, muito glosado pelo Pseudo-Boron. O estudo do tema do ódio entre linhagens, contribuição fundamental do Pseudo-Boron na sua reformulação do ciclo arturiano em prosa, levou-me, deste modo, a propor uma reorganização das peças que compõem deste conjunto textual no que ao seu processo de escrita diz respeito, mostrando que a *Suite* antecede o *Tristan*, pelo menos no que diz respeito às versões francesas deste romance que chegaram até nós⁶.

Também a personagem central deste fio narrativo, Galvão, vai evoluindo sob os nossos olhos. Ainda que a sua ação tenha por vezes consequências nefastas, como aliás já acontecia na primeira fase do ciclo arturiano em prosa, é evidente que o Galvão da *Suite* está muito longe do Galvão *felon* que encontramos na *Demanda* e em algumas interpolações do *Tristan en prose*. Na *Suite*, Galvão nunca é culpado de atos cruéis ou vis e demonstra em geral respeito pelas regras da cavalaria. Promove a reconciliação de dois irmãos que combatem⁷, adota pela primeira vez o costume de descer do cavalo para lutar contra o adver-

3 Cf. A. S. Laranjinha, *op. cit.*, pp. 381-403.

4 Cf. “The Character of Gauvain in the Thirteenth-Century Prose Romances”, *Medium Aevum*, XXVII: 158, 1958.

5 Foi este um dos argumentos apresentados por Emmanuèle Baumgartner para contestar as ideias de Bogdanow sobre a origem deste importante tema do ciclo: “F. Bogdanow la première démontre avec pertinence que, dans ce cycle [du pseudo-Boron], le motif de la haine (...) est très étroitement lié au motif de la naissance incestueuse de Mordret (...). Mais ce qui est, dans ce cycle, ou du moins dans les fragments qui nous ont été conservés, un thème important, essentiel même, fait en revanche figure dans le ms 757 [testemunho da versão breve do *Tristan en prose*], de pièce rapportée, bref, ressemble fort à une interpolation”. (*Le “Tristan en prose”. Essai d’interprétation d’un roman médiéval*, Genève, Droz, 1975, pp. 42-43).

6 Para uma apresentação mais completa dos argumentos que me levaram a defender esta posição, veja-se A. S. Laranjinha, *Artur, Tristão e o Graal*, *op. cit.*, pp. 305-374.

7 Cf. *La suite du roman de Merlin*, Éd. Gilles Roussineau, Genève, Droz, 1996, § 265, 2 vols p. 220.

sário derrubado⁸, mostra a sua generosidade quando decide acompanhar Ivain, injustamente expulso da corte por Artur devido aos atos de Morgana⁹. Poder-se-ia afirmar que aqui Galvão ainda é jovem e que terá tempo de se transformar, de abandonar os seus princípios por influência do ódio que o vai dominando cada vez mais¹⁰. Mas essa hipótese é infirmada por alguns comentários do narrador, que provam que o autor da *Suite* desconhecia o negro futuro de Galvão¹¹.

Na *Suite*, o sobrinho de Artur deixa-se dominar pelo ódio uma única vez, num duelo contra um cavaleiro descortês: furioso ao vê-lo matar os seus galgos, ignora o pedido de clemência do adversário e prepara-se para desferir o golpe fatal quando uma donzela se interpõe entre ele e o cavaleiro vencido, acabando Galvão por cortar, involuntariamente, a cabeça à donzela¹². Eis, com efeito, um momento de fraqueza do sobrinho de Artur, que atrai sobre ele a *mescheance*. No entanto, esta falta de Galvão não é mais do que um erro de juventude e marca mesmo uma inflexão positiva na sua carreira. Forçado a levar a cabeça da sua vítima à corte de Artur e a confessar o seu crime, Galvão promete que nunca recusará o auxílio a nenhuma donzela. O narrador anuncia que esta sua devoção lhe valerá o epíteto *Chevaliers as Damoisele* e comenta: “Si letientbientoutsonvivant, caronquespuisdamoisielenelerequist a cuiilfausist d’aisdier, si estraignedefune de si lointaigneterre. Etpourchouqu’ilaida puis toutdis si volentierset de si boincuer as damoiseiesfuilapielés par toutenlacourtetaillours li Chevaliers as Damoiseies, nechilnonsne li chaïtantcoumeilpot armes porter”¹³. É claro que este comentário não teria lugar se o autor da *Suite* conhecesse a evolução da personagem nos restantes textos do ciclo do Pseudo-Boron e quisesse prepará-la. Mesmo admitindo que o redator da *Suite* tivesse querido apresentar um jovem Galvão virtuoso apesar dos erros futuros, é evidente que, mesmo assim, a previsão de que ele honraria sempre o seu epíteto estaria objetivamente errada.

Todavia, os defensores do caráter tardio da *Suite du Merlin* encontram numa passagem deste romance um argumento de peso. Trata-se do anúncio da morte de Lamorat, Drian e Agloval, os filhos de Pelinor, às mãos de Galvão:

Et il furent desconfi et li rois Pellinor ochist le roi Loth d’Orkanie. Et tout si fil, quant il vinrent a chevalerie haute, varent vengier la honte de lour père et de tout lour parenté, dont Gavains, li aiséfis, ochist puis Pellinor et Lamorat et Driant. Et Agloval ochist il en la queste del Saint Graal, si comme messires Robiers de Borron li **devisera apertement en son livre**¹⁴.

À primeira vista, esta passagem é uma prova de que o autor da *Suite* já conhece os restantes textos do ciclo do Pseudo-Boron, que relatam os homicídios perpetrados por um Galvão vil e sanguinário, ou pelo menos que esse homicídios haviam sido por ele previstos, sendo depois desenvolvidos pelo *Tristan en prose*. Porém, algumas incongruências indiciam que esta passagem integra uma interpolação acrescentada por um copista que pretendia estreitar as relações entre a *Suite* e os outros textos do mesmo ciclo. Na verdade, a passagem que transcrevemos divide-se em duas partes contraditórias: na primeira (até “parenté”), o narrador anuncia que **todos** os filhos de Lot quererão vingá-lo. Trata-se de uma afirmação geral, vaga, que une toda a prole do rei de Orkanie num propósito comum. Na segunda parte, sem que qualquer explicação

8 *Idem*, § 266, p. 222.

9 *Idem*, § 420, p. 368.

10 É o que defende Bogdanow (cf. “The Character of Gauvain...”, *op.cit.*, pp. 158-159).

11 Também Merlim chega a prever que ele será melhor cavaleiro do que Pelinor (cf. *Suite*, § 184, p. 145) e um dos melhores cavaleiros do mundo (*Idem*, § 280, p. 237).

12 *Idem*, § 271, p. 228.

13 *Idem*, § 280, pp. 236-237.

14 *Idem*, § 150, p. 115.

seja fornecida para a mudança de perspectiva, anuncia-se a morte não apenas de Pelinor, mas também de três dos seus filhos às mãos de um único filho de Pelinor – Galvão. Sabem os leitores que conhecem a *Demanda* e o *Tristan en prose* que esta prolepse corresponde efetivamente ao que virá a acontecer nestes textos, mas provavelmente não era isso o que previa o autor da *Suite*. A multiplicação dos homicídios perpetrados por Galvão são uma consequência da profunda negativização da personagem, processo que não chega sequer a iniciar-se neste romance. A segunda parte da passagem transcrita é portanto, certamente, um acrescento, já que entra em contradição, não apenas com a afirmação que a antecede, mas também, o que é muito mais importante, com o romance em que se integra.

* * *

Apresentados alguns dados fundamentais que mostram, a meu ver, que o tema do ódio entre linhagens remonta à *Suite*, enquanto a transformação de Galvão tem início num momento posterior da construção do ciclo, de que encontramos marcas no *Tristan en prose* e na *Demanda*, é tempo de notar que o Pseudo-Boron corresponderá, certamente, a vários redatores com as suas idiossincrasias, com estilos e estratégias variadas, embora colaborando num projeto comum. Entre a *Demanda* e a *Suite*, as diferenças são muitas e o projeto vai-se ajustando, mas isso não nos impede de reconhecer fortes afinidades entre os dois textos, não apenas no que diz respeito ao tema referido, que funciona como um fio que liga os dois romances, mas também, por exemplo, no tratamento da figura do rei Artur, cujas falhas se acentuam em ambos os romances¹⁵.

Já no *Tristan en prose*, as variações estilísticas e ideológicas que se podem detectar internamente são por vezes muito profundas e revelam, como na *Demanda*, uma escrita faseada. No que diz respeito a Galvão, encontramos novamente a mesma alternância entre episódios onde o sobrinho de Artur respeita as normas da conduta cavaleiresca e outros onde ele manifesta a sua *felonie*. É mesmo possível, também aqui, identificar cenas refundidas em que um Galvão virtuoso foi substituído por um Galvão traidor. Vejamos um exemplo.

Tristão, tendo vencido Brehus sans Pitié, ordena-lhe que vá entregar-se a Galvão, o homem que mais o odeia:

—Mes or vos dirai que vos feroiz. Vos vos en iroiz de ci, et tant cercheroiz monseignor Gauven, l'ome ou monde qui plus vos het, que vos le troverroiz; et neporquant, je sai bien que messire Gauvens est plains de felonie coverte. Il est auques cortois vers dames, et vos traïtes et felons vers totes dames. Or i parra coment felonie se mentendra encontre trahison, car por savoir la verité de ceste chose vos envoi ge a li. Or vos en alez, et vos metez en sa merci de par Tristan, le neveu le roi Marc de Cornoaille.”¹⁶.

Um observador atento notará uma incongruência no discurso do cavaleiro, que começa por dizer que Galvão é “plains de felonie coverte”, para logo afirmar que ele é cortês para com as donzelas, ao contrário de Brehus. Na verdade, se retirarmos as passagens sublinhadas do excerto acima reproduzido, o discurso de Tristão ganhará um sentido muito diferente: já no *Lancelot en prose*, Galvão, o cavaleiro cortês particularmente devotado às donzelas, nutre uma inimizade especial pelo cavaleiro que se dedica a perseguir-las¹⁷; é natural que Tristão estivesse interessado em ver “coment felonie se mentendra encontre

15 Cf. A. S. Laranjinha, *op. cit.*, pp. 240-253.

16 *Le roman de Tristan en prose*, (édition critique du début du *Tristan en prose* d'après le manuscrit Carpentras 404), Ed. Renée L. Curtis, Munich, Max Hueber, 1963 (T.1), § 417, p. 207; sublinhados meus.

17 Cf. *Lancelot. Roman en prose du XIIIème siècle*, Éd. A. Micha, Genève, Droz, 1978-83, T. VII, XXXVIIa, 1-2, pp. 398-399 e XXXIXa, 4-8, pp. 407-410.

cortoisie” (e não “trahison”), pois esta oposição entre um vício e uma virtude tem mais sentido do que o contraste entre dois vícios que encontramos no texto. Por outro lado, a primeira passagem sublinhada parece, tanto do ponto de vista sintático como do ponto de vista semântico, acrescentada: a pontuação da edição moderna tenta disfarçar, com pouco êxito, a ruptura e a adversativa “neporquant” no início desta passagem, quando na verdade este segmento entra em consideração com a porção de texto que aparece depois, e não antes, revela a dificuldade do interpolador em harmonizar informações contraditórias. Tudo leva a crer, portanto, que um copista, conhecedor do Galvão do Pseudo-Boron, terá decidido modificar esta cena alterando a imagem do sobrinho de Artur, tendo a pequena alteração deixado marcas visíveis – as habituais incongruências que denunciam a refundição¹⁸.

No *Tristan en prose*, o Galvão traidor comparece nas mesmas passagens em que se desenvolve o tema do ódio entre linhagens. Sabemos que o filho de Lot matou Pelinor, mas também que essa morte não aplacou a sua sede de vingança e que por isso continua a perseguir os filhos do rei de Gales. Ora, o Galvão infame não surge apenas na versão breve do *Tristan*, como sugeria Fanni Bogdanow. Na verdade, uma comparação cuidada das duas principais versões do *Tristan en prose* identificadas por Emmanuèle Baumgartner e editadas por Renée Curtis e Philippe Ménard em quase 20 volumes¹⁹, revela que, entre elas, não há nenhuma diferença substancial para além da extensão. Como já afirmou Baumgartner, tanto a versão curta (V. 1) como a versão longa (V. 2 e as versões que dela dependem)²⁰ são redações compósitas e tardias do romance²¹. Justifica-se assim, segundo creio, a metodologia que adotei: reconstituir a gênese do *Tristan* através de uma análise minuciosa da narrativa, observando as técnicas de escrita e prestando particular atenção às descontinuidades que podem denunciar a reescrita, sem ter em conta, nesta primeira fase da investigação, as especificidades dos manuscritos.

Como vimos, tal como na *Demanda do Santo Graal*, também no *Tristan en prose* podemos detectar pelo menos duas fases de redação, sendo uma delas da responsabilidade do Pseudo-Boron. No caso do *Tristan*, as intervenções do novo redator são em geral breves e cirúrgicas, traduzindo-se apenas na introdução de cenas ou alterações necessárias para ir entretecendo na narrativa o tema do ódio entre linhagens. Ora, nos episódios do *Tristan* anteriores a esta fase, podemos já detectar algumas descontinuidades que revelam a reescrita. Dito de outro modo, o Pseudo-Boron é responsável pela terceira fase de redação do *Tristan*; vejamos agora o que o antecedeu.

* * *

18 O mesmo não se poderá dizer de uma outra cena que, numa fase mais adiantada da ação do *Tristan*, opõe um Galvão cortês a um vil Brehus. Essa passagem, que também remonta a uma fase de redação anterior às transformações operadas pelo Pseudo-Boron, mantém-se completamente inalterada. (Cf. *Le Roman de Tristan en prose*, Dir. Philippe Ménard, Genève, Droz, T. II [1990], § 90, pp. 209-210).

19 Para a edição da versão longa (*Le Roman de Tristan en prose*, Dir. Ph. Ménard, Genève, Droz, 1987-1997, 9 vols.), o códice escolhido foi o ms. 2542 da Biblioteca Nacional de Viena, um dos mais antigos manuscritos completos da obra. A equipe de Ménard retoma a parte final do texto editado por Curtis (*Le roman de Tristan en prose*, [édition critique du début du *Tristan en prose* d’après le manuscrit Carpentras 404], 3 T., Munich/Leiden/Cambridge, Max Hueber/Brill/D.S. Brewer, 1963/1976/1985), num ponto em que as divergências entre manuscritos começam a causar problemas. A versão curta, cujo melhor representante é o ms. 757 BNF, foi editada mais tarde: *Le Roman de Tristan en prose* (version du ms. fr. 757 de la Bibliothèque Nationale de France), Dir. Ph. Ménard, Paris, Champion, 1997-2007, 5 vols.

20 Note-se que o que aqui designo “versão longa” e “versão curta” do *Tristan en prose* correspondem, grosso modo, às versões V. I e V. II identificadas por Emmanuèle Baumgartner. Ainda que o ms. de Viena represente V. III, as diferenças relativamente a V. II são pouco significativas. Sobre a tradição manuscrita do *Tristan*, veja-se o estudo de Baumgartner já citado (*Le “Tristan en prose”...*) e as introduções de todos os volumes das duas edições dirigidas por Ménard.

21 Gilles Roussineau fez notar, aliás, que o tema do ódio entre linhagens está presente tanto em V. I como em V. II, ao contrário do que habitualmente se julgava. (“Remarques sur les relations entre la *Suite du Roman de Merlin* et sa continuation et le *Tristan en prose*”, In: *Miscellanea Medievalia: mélanges offerts à Philippe Ménard*, Paris, Champion, 1998, p. 1155).

Renée Curtis, nos estudos suscitados pela sua edição do manuscrito de Carpentras, que continha a parte inicial do *Tristan*, fizera já uma análise comparativa dos prólogos e dos epílogos que constavam em alguns manuscritos, assim como de algumas referências redacionais, e chegara à conclusão – confirmada, aliás, pela deteção de algumas incoerências da própria narrativa – de que este romance fora começado por um redator que usava o pseudônimo Luce del Gaut, e continuado, provavelmente depois da morte do primeiro autor, por um segundo redator, que dizia chamar-se Hélie de Boron²². Na sequência destas investigações, procedi a uma análise sistemática do romance com o objetivo de detetar incongruências e diferenças estilísticas e cheguei à surpreendente conclusão de que, ao contrário do que defendia Curtis, o *Tristan* não era simplesmente constituído pela justaposição de duas partes de autores diferentes, com uma zona de contato em que se notavam alguns ajustes – a já referida sutura que denunciava a reescrita – mas por diversas fases de redação que alternavam ou se sucediam, com pesos e dimensões diferentes segundo o momento da diegese ou as versões em causa²³.

Graças à comparação de dois esquemas narrativos tópicos associados a um cenário específico – a fonte – logrei identificar duas fases de redação com características bem distintas. A primeira fase de redação, onde se inclui a história dos antepassados de Tristão (a chamada pré-história tristaniana) e grande parte das aventuras dos amantes que precedem a sua partida para o reino de Logres, aflora, em passagens cada vez mais raras²⁴, ao longo de grande parte do romance. Caracteriza-a a concentração da intriga em torno dos antepassados de Tristão e Marc, primeiro, e do trio Tristão – Iseu – Marc, depois; uma rápida progressão da narrativa; uma conceção pessimista do amor como força irresistível e nefasta.

Na segunda fase de redação, assistimos a uma certa banalização do mester cavaleiresco através da multiplicação de duelos e torneios, reduzindo-se os combates a uma sucessão de provas atléticas sem verdadeira justificação ética. O protagonista dilui-se no conjunto dos cavaleiros da Távola Redonda e o amor de Tristão e Iseu passa para segundo plano, os feitos cavaleirescos tornando-se a principal preocupação do herói. Outra marca desta fase de redação é o fortíssimo abrandamento da ação, já que o espaço dedicado ao discurso das personagens (sejam monólogos ou diálogos) cresce desmesuradamente, dando lugar ao que Anne Berthelot designou “inflação retórica”²⁵.

As características que habitualmente são atribuídas ao *Tristan en prose* são as da segunda fase de redação, que se estende, quer pela sua tendência para a amplificação retórica e narrativa, quer pelo sucesso que granjeou junto do público, por um grande número de fólhos, muitos mais do que as outras fases. Para quem tenta compreender a gênese do ciclo do Pseudo-Boron, porém, esta é a fase menos importante, pois o segundo redator não se esforça por integrar o *Tristan* no ciclo, afastando-se também da visão trágica da vida que caracteriza em geral os textos do Pseudo-Boron.

22 Cf. Renée Curtis, “The Problems of the Authorship of the Prose *Tristan*”, *Romania*, LXXIX: 314-338, 1958, e “Who Wrote the *Prose Tristan*? A New Look at an Old Problem”, *Neophilologus*, (67): 35-41, 1983.

23 Cf. A. S. Laranjinha, “Métamorphoses de la fontaine dans le *Tristan en prose*: de Luce del Gaut à Hélie de Boron”, In: *22e Congrès de la Société Internationale Arthurienne, Rennes, 2008*. URL: <http://www.sites.univ-rennes2.fr/celam/ias/actes/pdf/laranjinha.pdf>, citado em 5.9.2011, e Artur, *Tristão e o Graal*, *passim*.

24 Embora a primeira fase de redação aflore cada vez mais raramente à medida que vamos avançando na leitura do *Tristan*, é possível que essa fase cobrisse a totalidade da história de Tristão e Iseu, até à morte dos amantes. Cf. A. S. Laranjinha, “Le motif de la traversée maritime dans la tradition tristanienne: des poèmes à la première rédaction du *Tristan en prose*”. In: *Actes du Colloque International “Lores te metras enlavoie...”*. *Mobilité et littérature au Moyen Âge. Formes, enjeux et signification*, Ed. Carlos Carreto, Lisboa, Universidade Aberta, 2011, pp.59-68.

25 “La parole, le discours, le chant, la lettre remplacent la narration d’épisodes nouveaux qui auraient trait aux amours de Tristan.” (“L’inflation rhétorique dans le *Tristan en prose*”, In: *Tristan et Iseut, mythe européen et mondial: actes du Colloque des 10, 11 et 12 janvier 1986*, Éd. D. Buschinger, Göppingen, KümmerleVerlag, 1987, pp. 32-41). Apenas discordamos de Berthelot quando ela afirma que a inflação retórica caracteriza o *Tristan en prose* em geral, com exceção da pré-história (*idem*, p. 35).

É minha convicção que a iniciativa de proceder à reconfiguração da primeira fase do ciclo arturiano em prosa terá partido de dois redatores que, embora apresentando, cada um deles, características muito próprias, trabalharam em consonância, influenciando-se mutuamente: o autor da *Suite du Merlin* e o primeiro redator do *Tristan en prose*. Por um lado, o autor da *Suite*, tomando o pseudônimo de Robert de Boron, assumia-se como continuador do *Merlin* mas também da *Estoire del Saint Graal* (dois textos que já faziam parte da primeira fase do ciclo arturiano em prosa e eram atribuídos àquele autor). Por outro lado, o redator tristaniano, (embora assumindo um pseudônimo diferente), ligava o seu romance à *Estoire* através de uma breve mas significativa referência às origens da linhagem de Tristão. No primeiro romance do ciclo, que narrava as origens do Graal e a cristianização da Grã-Bretanha, um dos filhos de Bron distinguira-se de todos os seus irmãos por querer manter-se casto para se dedicar ao serviço do Graal. O *Tristan en prose*, em simétrica oposição, dá a Bron um outro filho rebelde, que desta vez decide escolher a própria noiva: trata-se de Sador, o antepassado de Tristão, cuja paixão por uma princesa pagã desencadeia um rosário de desventuras²⁶.

Globalmente, o objetivo dos autores da *Suite* e do *Tristan* era introduzir no ciclo inicial a semente má da paixão amorosa, de acordo com uma concepção pessimista da vida em geral e da cavalaria em particular: iniciando a sua narrativa com o incesto cometido por Artur, que daria origem a Mordret, o traidor, o Pseudo-Boron anunciava o Apocalipse arturiano; antecedendo a história dos amantes da Cornualha de uma pré-história que sublinhava o poder nefasto do amor, o redator tristaniano remetia para o fim trágico do par adúltero.

Que o *Tristan en prose* faz parte, desde a primeira fase de redação, de um ciclo cujo elemento mais eminente é a história do Graal, confirma-o o Prólogo assinado por Luce del Gat:

Aprés ce que je ai leü et releü par maintes foiz le grant livre del latin, celui meïsmes qui devise apertement l'estoire del Saint Graal, mout me merveil que aucun preudome ne vient avant qui enpreigne a translater del latin en françois (...).

(...) je, Lucas, chevaliers et sires del Chastel del Gat, voisin prochien de Salesbieres, cum chevaliers amoreus et envoisiez, enpreing a translater une partie de ceste hestoire (...) et ferai asavoir ce que li latins devise de l'estoire de Tristan (...). Et li latins meïsmes de l'estoire del Saint Graal devise apertement que au tens le roi Artus ne furent que troi bon chevalier qui tres bien feïssent a prisier de chevalerie: Galaaz, Lanceloz, Tristan

O primeiro redator tristaniano apresenta o seu texto como uma parte da história do Santo Graal – a parte relativa à vida de Tristão, cujo caráter profano é sublinhado pela exibição da condição cavaleiresca de Luce, o seu tradutor. Para que não restem dúvidas sobre a sua estreita relação com os outros textos cíclicos, coloca Tristão no mesmo plano de excelência que Lancelot e Galaaz, os heróis do *Lancelot en prose* e da *Queste*. Um pormenor objetivo que confirma a precoce integração deste romance no ciclo do Pseudo-Boron é a referência ao “grant livre dellatin”, igualmente mencionado na *Demanda*.

Ao primeiro redator tristaniano, segue-se o segundo, que finge ignorar a dependência do *Tristan* relativamente aos textos do Graal e amplifica a matéria narrativa graças à multiplicação das aventuras e

26 As relações entre a *Estoire* e o *Tristan* estão ainda muito pouco estudadas, mas revelar-se-ão certamente fulcrais para a compreensão da gênese do ciclo do Pseudo-Boron. Ainda que, como vimos, a pré-história tristaniana (que remonta à primeira fase de redação que logrei identificar no *Tristan*) remeta para a *Estoire*, um episódio deste romance que pertence já, provavelmente, a uma fase relativamente tardia de redação usa, por sua vez, o *Tristan*, como mostrei em “Le temps de l'écriture dans le cycle arthurien en prose: sur le rapport entre un épisode de l'*Estoire del Saint Graal* et la première phase de rédaction du *Tristan en prose*”, In: *Temps et Mémoire dans la Littérature Arthurienne. Actes du Colloque International de la Branche Roumaine de la Société Internationale e Arthurienne. Bucarest, 14-15 mai 2010*, Ed. Catalina Girbea, Andreea Popescu & Mihaela Voicu, Bucarest, Editura Universitatii din Bucuresti, 2011, pp. 309-318. Estas remissões cruzadas sugerem um processo de escrita complexo, em que vários textos vão sendo redigidos em várias fases.

dos amantes infelizes de Iseu, perseguindo o objetivo fundamental de glorificar Tristão (o melhor cavaleiro do mundo) e Iseu (a mais bela rainha). Finalmente, surge o terceiro redator, que conhece muito bem a *Suite du Merlin* e está bastante próximo do primeiro redator, pela sua conceção pessimista da cavalaria e a sua preocupação pela integração do *Tristan* no ciclo. Este redator retoma assim um fio narrativo que remonta à *Suite*, mas impõe-lhe a sua marca – a culpabilização do sobrinho mais velho de Artur, que a reabilitação da linhagem de Pelinor vem ainda sublinhar.

Recuemos agora um pouco e retomemos, para concluir, a tese de F. Bogdanow sobre a segunda fase do ciclo arturiano em prosa, que esta autora designa *Post-Vulgata*:

The Post Vulgate *Roman du Graal* (...) consists of three parts, the first one including the *Estoire del Saint Graal* and the prose rendering of Robert de Boron's *Merlin*, followed by the first portion of the Post-Vulgate *Suite du Merlin*. The second part includes the remainder of the *Suite du Merlin* and a continuation of the latter preserved in part by the *Folie Lancelot*, while the third part consists of revised versions of the *Queste del Saint Graal* and *Mort Artu*²⁷.

Para a reconstituição de tão bizarro ciclo, cujas primeiras duas partes carecem de unidade ao ponto de cada uma delas não poder ser designada através de um simples título, Bogdanow baseou-se fundamentalmente numa indicação redacional da *Suite du Merlin*:

Et sacent tuit cil qui l'estoire de monsieur de Borron vauront oïr comme il devise son livre en .III. parties, l'une partie aussi grant comme l'autre, la premiere aussi grant comme la seconde et la seconde aussi grant coume la tierche. Et la premiere partie fenist il au commencement de ceste queste, et la seconde el commencement dou Graal, et la tierche fenist il apriés la mort de Lanscelot, a chelui point meisme qu'il devise de la mort le roi March²⁸.

Ora, se a terceira parte referida pelo redator da *Suite du Merlin* corresponde efetivamente a um texto cuja unidade é inquestionável e cujo melhor testemunho é a *Demanda portuguesa*, já a segunda parte tem início no decorrer do percurso de um dos protagonistas da *Suite*, interrompendo-o inexplicavelmente. Na verdade, as especificidades da *Suite du Merlin*, que vão do tom que é próprio deste texto, às técnicas de redação e de construção simbólica que o definem – todas estas características conferem-lhe uma forte unidade e desmentem portanto a organização do ciclo que Bogdanow defende a partir desta referência objetiva. Na medida em que há contradição entre a indicação redacional e a lógica interna do romance, a primeira terá naturalmente que ser abandonada, pelo menos no que diz respeito aos limites de cada uma das partes do ciclo. O “livro em três partes” é aqui simplesmente um “topos”, pois perfeito é o ciclo que, à imagem do ciclo inicial de Robert de Boron, se divide em três elementos.

Creio ter demonstrado — partindo, aliás, da tese que José Carlos Miranda retomara de críticos anteriores —, que o ciclo do Pseudo-Boron não é uma redução, é antes uma amplificação da primeira fase do ciclo arturiano em prosa, incluindo não apenas os textos referidos por Bogdanow, mas ainda o *Lancelot* (como mostra Isabel Correia)²⁹ e o *Tristan en prose*. Ao que tudo indica, este ciclo penetrou em

27 F. Bogdanow, “The Madrid *Tercero Libro de don Lançarote* (Ms. 9611) and Its Relationship to the *Post-Vulgate Roman du Graal* in the Light of a Hitherto Unknown French Source of One of the Incidents of the *Tercero Libro*”, In: *Bulletin of Hispanic Studies*, LXXVI, 1999, p. 441.

28 *Suite*, § 173, pp. 133-134.

29 Cf. “O Estatuto do *Lancelot* Ibérico”, *op. cit.*

terras ibéricas por volta de meados do século XIII, com o regresso de Afonso III a Portugal³⁰. Paradoxalmente, o caráter periférico da corte portuguesa poderá ter favorecido a cristalização do ciclo, evitando a dispersão e a desagregação que, nos meios mais dinâmicos da França de *oïl*, vitimou esta complexa forma de organização textual.

RESUMO: O ciclo do Pseudo-Robert de Boron reescreve em parte a primeira fase do ciclo arturiano em prosa, acrescentando aos já existentes *Estoire del Saint Graal*, *Merlin* (a que adiciona uma extensa continuação) e *Queste* (que amplifica consideravelmente) um *Tristan en prose* e, provavelmente, um *Lancelot* refundido. A composição deste conjunto textual caracteriza-se por um contínuo processo de reescrita, implicando a escrita simultânea ou em alternância de várias peças do ciclo, que por sua vez vão crescendo em fases sucessivas, identificáveis através da análise traços estilísticos e ideológicos.

Palavras-chave: romance arturiano – processos de escrita – romance em prosa – ciclo romanescos – *Demanda do Santo Graal* – *Tristan en prose*

ABSTRACT: The Pseudo-Robert de Boron cycle re-writes the Arthurian prose cycle adding to the *Estoire del Saint Graal*, *Merlin* (to which a long *Suite* is added) and *Queste* (considerably amplified) a *Tristan en prose* and, probably, a *Lancelot*. The composition of this cycle was possible thanks to a continuous process of rewriting: simultaneous or alternating writing of different romances, which grew in several phases that we can identify through the detection of stylistic and ideological features.

Key-words: Arthurian romance – process of writing – prose romance – romance cycle – *Drmanda do Santo Graal* – *Tristan en prose*

30 Cf. José Carlos Miranda, “Como o Rei Artur e os Cavaleiros da Sua Corte Demandaram o Reino de Portugal”, *Colóquio-Letras*, (142):, 1983, out.-dez, 1996.